

O BANQUETE | um projecto comissariado por Paulo Reis

Estufa Real, Restaurante
Dia 15 de Maio às 20:30h

Faça a sua reserva!

A partir do Renascimento, a ceia tornou-se um dos motivos mais usados pelos pintores, desde a famosa cena de caça de Botticelli até às inúmeras cenas de ceias pintadas por diversos artistas, da qual a mais famosa será, sem dúvida, a de Leonardo da Vinci. Nos séculos XVII e XVIII, as pinturas de género, como os retratos, as cenas da vida privada (*conversation piece*) e as naturezas mortas (*still life*) ocupam o imaginário da burguesia emergente. Os banquetes foram registrados em pinturas de grandes dimensões para ocuparem um espaço destacado nas residências, sobretudo na França e na Inglaterra dos reis. Mas é sobretudo no gosto neerlandês de reproduzir a vida quotidiana que as cenas de banquetes, festas e comemorações cívicas chegam ao seu ápice, do flamengo Pieter Brughel, ao holandês Jan Steen, entre tantos outros que sofisticaram o gosto em reproduzir os encontros sociais. Por razões históricas, a Espanha também desenvolve uma grande predilecção por este tipo de pintura (*bodegóns*). A exuberância pictórica dos grandes artistas barrocos torna quase reais os alimentos, bem como os banquetes retratados. Neste Banquete Barroco, que ocupará o Restaurante Estufa Real, preparado pelo chef Jean Raymond Zaragosa com a colaboração da artista Susanne Themlitz, esse requinte será revivido através do ambiente e do elaborado cardápio preparado aos moldes das cortes europeias.

O *Coelho*, de Lygia Pape, é uma natureza morta. Um coelho morto, sem pele, pendurado como nas imagens das pinturas barrocas holandesas e espanholas (*bodegóns*) deita sangue sobre um monte de farinha de trigo. O coelho é um animal de grande presença nas artes ocidentais. No Renascimento alemão, Albert Dürer pintou-o com grande dignidade, emprestando-lhe grande vivacidade na forma expressiva como olha para o espectador. Nas pinturas barrocas e rococó, o coelho torna-se o animal campestre mais retratado, sendo utilizado como símbolo de inteligência, sagacidade e altivez. Na arte contemporânea, Joseph Beuys imortaliza-o ao criar uma performance (*Como ensinar pintura a uma lebre morta*), estabelecendo o coelho definitivamente como referência no campo da arte. Nesta obra, O Coelho, Lygia Pape retoma questões como a violência do homem sobre os animais em nome da subsistência, já apontada por Beuys numa das suas conferências, mas faz também a violência do naturalismo barroco. Aqui já não se ensina pintura a um coelho morto, mas mostra-se a passagem necessária da natureza à cultura.

Projecto patrocinado por Sogrape:



O BANQUETE | a project curated Paulo Reis

Estufa Real, Restaurant
15th May at 20:30h

Make you reservation!

In the Renaissance, the supper became one of the most popular motifs used by painters, from Botticelli's famous hunting scene to innumerable suppers painted by artists, of which the most famous is undoubtedly da Vinci's Last Supper. In the 17th and 18th centuries, genre paintings such as portraits, conversation pieces and still lifes populated the imaginary of emerging Bourgeoisie. Banquets were painted onto large canvases to be displayed in outstanding place in the houses, especially in France and England, at the royal palaces. But it was mostly through Nederland's painters' fancy for depicting everyday life that banquets, feasts and popular celebrations reached the climax: from the Flemish Pieter Brughel to the Dutch Jan Steen, and so may others who developed the taste for depicting social gatherings. For historical reasons, Spain also developed a preference for this kind of painting – the *bodegóns*. The pictorial exuberance of the great renaissance and baroque painters almost lets us believe that the portrayed food and banquets are real. In the Barroque Banquet that will take place at Estufa Real Restaurant, prepared by *Chef* Jean Raymond Zaragosa, this refinement will be recovered through the ambience and the elaborate menu prepared according to the European Courts' standards.

O Coelho, by Lygia Pape, is a still life. A dead rabbit, fleeced, hanging in a manner similar to the images of Dutch and Spanish (*bodegóns*) baroque paintings, bleeding on a heap of wheat flour. The rabbit is a very prominent animal in the western arts. In German renaissance, Albrecht Dürer painted the rabbit with great dignity and gaiety, in the expressive way the animal looks at the viewer. In baroque and rococo paintings, the rabbit became the most frequently portrayed country animal, used as a symbol of intelligence, sagacity and pride. In contemporary art, Joseph Beuys immortalized it in a performance (*How to explain paintings to a dead hare*), definitely placing the rabbit as a reference in the field of art. In this work, *O Coelho* [The Rabbit], Lygia Pape returns to issues such as the violence of man over the animal in the name of subsistence, already pointed at by Beuys in one of his conferences; but she also presents the violence of baroque naturalism. In this piece, no art is taught to a dead rabbit – rather, she presents the unavoidable transition from nature to culture.

Project sponsored by Sogrape:

